

DOSSIÊ FILOSOFIA E LITERATURA

Com alegria, a Revista Acadêmica **Trilhas Filosóficas** do Curso de Filosofia – Campus Caicó-UERN, oferece aos seus leitores e leitoras, pela primeira vez, o **Dossiê Filosofia e Literatura** que traz um artigo em *Fluxo Contínuo* e doze artigos que propõem um diálogo em simetria que vai da filosofia à literatura e da literatura à filosofia, numa construção de reflexões que se entrelaçam entre si e nos brindam com profunda contemplação filosófica. “Esse mundo é muito misturado... existível”, (Rosa, 2015, p. 187; p. 370) nos lembra Guimarães Rosa. Assim como a filosofia e a literatura, são como os rios, não têm antiguidades, é sempre. “Como os rios não dormem. O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer chegar a ser mais grosso, mais fundo. (p. 355). Nesse movimento, ambas se fundem e confundem num balanço de procelas como as águas, sempre vivas.

O Dossiê é aberto por um artigo em *Fluxo Contínuo* da Docente *Isabela Carolina Carneiro de Oliveira* intitulado *Sobre o Idealismo Transcendental de Edmund Husserl: consciência absoluta e teleologia absoluta*. “O artigo apresenta algumas questões concernentes ao Idealismo Transcendental de Husserl. Dentre elas, destacamos: (i) a autossuficiência da consciência, único ser absoluto e (ii) os aspectos teleológicos embutidos na constituição. Nesse sentido, retomamos alguns esclarecimentos de Husserl sobre o ato sintético da percepção, elucidando o aspecto interminável e infinito da síntese de preenchimento”.

O artigo de *Michel Platinir*, que abre a sequência de textos nos apresenta - *Entre a poesia trágico-antiga e trágico-moderna em Sófocles e Friedrich Schiller*. O autor nos apresenta a tragédia de Sófocles, que tem como fundamento basilar o determinismo oracular, e a limitação do indivíduo frente ao mistério trágico. Por outro lado, a poesia trágica, em Schiller, a princípio, ocupa-se do conceito kantiano de gênio, que tem por finalidade hermenêutica a demonstração de uma produção poética autônoma em detrimento as produções artificiais produzidas na modernidade.

A seguir, *Francisco de Assis Vale Cavalcante Filho*, no texto *A cidade como artefato trágico em Hécuba de Eurípedes: individuação e responsabilidade no projeto socrático de filosofia*, sugere que no projeto filosófico para conferir unidade semântica a uma leitura comparada dos diálogos de

EDITORIAL

Platão e da tragediografia encenada em Atenas. A personagem Sócrates, apesar de não reivindicar um saber, ao opinar, marca posições políticas, as quais crê justificar discursivamente e se investem do heróico, conduta compatível com o estimado melhor caráter. Platão aceita como Eurípides que a cidade seja responsável pelos males que sobre ela se abatem.

O artigo de *Raquel Patriota*, “*Écriture*”, *linguagem e experiência estética: reflexões a partir de Theodor W. Adorno*, discute sobre o lugar atribuído ao conceito de “*écriture*” na obra de Theodor W. Adorno, abarcando também seus possíveis desdobramentos no campo da estética e filosofia da arte. Parte-se da ideia de que tal conceito é mobilizado pelo autor a fim de discutir o específico caráter linguístico da arte moderna, concebendo sua experiência como um processo de descentramento do sentido.

A seguir, o professor *Jarbas Vargas Nascimento* e *Anderson Ferreira* trazem o texto *A Filosofia existencialista de Sartre e o discurso literário em torno da morte*. O texto examina, com base na Filosofia Existencialista de Sartre, o fenômeno da morte, para relacioná-la ao dispositivo criativo do discurso literário de Lya Luft, no texto *Estamos todos na fila*, a perspectiva niilista na maneira pela qual a morte é abordada.

Depois, *Herasmo Braga*, apresenta a *Literatura e Filosofia: A destituição do sujeito moderno e a constituição do outro em René Girard e Paul Ricoeur* pelo viés da narratividade ficcional. Aqui, o autor busca articular questões em torno da problematização da constituição de uma ação ética na linhagem do pensamento de Paul Ricoeur por meio do reconhecimento do outro, através da tomada de consciência da vaidade romântica formulada por René Girard à luz do desejo mimético.

Já os autores, *Jorge Alves Pinto* e *Maria Simone Marinho Nogueira*, demonstram como a *Relação entre ética e violência em “O peso do pássaro morto”, de Aline Bei, à luz do conceito de força de Simone Weil*, analisam, pelo viés da violência de gênero, o ato de estupro no romance *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, à luz do conceito de “força” de Simone Weil. A partir das considerações sobre a força e como ela transforma o sujeito em coisa, compreendemos a violência como uma de suas manifestações, levando em conta que alguns grupos sociais – aqui, a mulher –, são frequentemente mais vulneráveis ao exercício da força pelos homens.

Seguindo a reflexão de *Ludymylla Lucena*, *Ciência, distopia e terror: uma análise da trajetória do jovem cientista em “Frankenstein ou o prometeu moderno” (1818) de Mary Shelley*, é explorar a relação complexa entre ciência, tecnologia, indústria e sociedade através da trajetória de encanto e desencanto do jovem cientista Victor Frankenstein. Trata-se de traçar um paralelo

EDITORIAL

entre o otimismo utópico e tecno-científico da modernidade e o pessimismo distópico da literatura de ficção científica moderna.

Sobre la invencion de Morel, por Bio Cassares: interdiscurso com el mito de la caverna de Plato de autoria de Marcio de Lima Pacheco e Gerizilda Dantas, numa investigação da literatura sul-americana por meio de uma comparação com *O Mito da Caverna*, de Platão, e por meio de uma análise do discurso fundamentada na teoria de Dominique Maingueneau.

O texto seguinte, do autor *Helcio Herbert Neto*, intitulado de *Engenbos de dentro: o hospital psiquiátrico Pedro II diante da genealogia foucaultiana*, desperta interesses de pesquisas acadêmicas em diferentes áreas do conhecimento. Para a Filosofia, os registros em torno da unidade podem abrir novos horizontes de estudo. O propósito deste artigo é mapear as potencialidades e estipular um conjunto conceitual capaz de dar vazão a esses propósitos. A paisagem foucaultiana e, por conseguinte, a genealogia do autor francês surgem como uma alternativa nesse sentido.

Joabe Tavares Pereira, apresenta o texto *Encontros líricos machadianos com a filosofia da Razão Vital*. O autor busca compreender se há uma filosofia nos escritos machadianos e se é um filósofo nacional. De fato, há passagens e conceitos nos escritos de Machado de Assis que conversam, por assim dizer, com os escritos de segunda navegação do filósofo espanhol, Ortega y Gasset.

Cristiano Dias da Silva apresenta: *Uma semiótica, delitos e política. Confrontos entre realistas e nominalistas na obra O Nome da Rosa de Umberto Eco*. A pesquisa discute os embates filosóficos entre realistas e nominalistas na representação de personagens da obra *O nome da Rosa*. Nesta abordagem reconhece-se que o personagem Guilherme de Baskerville realiza uma série de investigações semióticas na incessante tentativa de evidenciar enigmas e delitos envolvendo uma série de embates filosóficos, políticos e teológicos. Enfatiza-se ainda o confronto fé e razão ou Igreja e império onde se constrói e desconstrói uma noção de sujeito.

Os autores, *Michelle Martins* e *Alex Fabiano Correia Jardim*, com o texto: *Artaud, Blanchot e o desdobramento da palavra* procura problematizar a forma como se dá a violência de uma potência criadora do pensamento em fluxo, devir e heterogênesse. Para tanto, utilizando como fio condutor a filosofia Deleuze-Guattariana, pensamos uma relação entre Blanchot e Artaud no que diz respeito ao conceito de *Désœuvrement* (desobramento) e aquilo que o envolve, como a recusa ao conceito, e o seu apagamento e tentativa de vida neutralizadora do sujeito e do universal em prol da literatura. Artaud e seus atravessamentos, travessia que também atravessa, que faz dele uma terceira margem da linguagem.

EDITORIAL

Esperamos que, o **Dossiê Filosofia e Literatura**, tendo reunido todos esses autores e autoras, nos convida a mergulhar no universo literário e filosófico a pensar o ser do mundo e suas vivências. Concluindo assim, nos textos apresentados, uma filosofia que buscou na literatura compreender o mundo e nele os seres. Por outro lado, a literatura encontra na filosofia a possibilidade de reflexão da vida num movimento que preserva a cada uma a liberdade e a peculiaridade que lhes são inerentes. Ao mesmo tempo, o imbricamento e o inacabamento de ambas que as fazem atuarem no universo existencial humano. Como estradas que se abrem para se pensar e compreender o mundo e, em especial, o nosso país.

Boa leitura!

Caicó-RN, julho de 2025.

Prof. Dr. José Francisco das Chagas Souza - Déda de Souza (UERN)

Editor Convidado